



“Eles se amaram de qualquer maneira”¹: figurações de masculinidade e homoerotismo no ambiente de trabalho em obras literárias

“Eles se amaram de qualquer maneira”² [“They loved one another anyway”]: literature of masculinity and homoeroticism at work

Israel Augusto Moraes de Castro Fritsch³

Resumo: Obras da literatura ocidental têm em comum o conflito amoroso entre dois homens, colegas de atividade ou profissão e vítimas de preconceito institucionalizado no ambiente de trabalho e no contexto social, que os incapacita de levar a relação adiante. A partir dos romances *Bom Crioulo*, de Adolfo Caminha, e *Grande Sertão: Veredas*, de João Guimarães Rosa, e dos contos “Aqueles Dois”, de Caio Fernando Abreu, e “Brokeback Mountain”, de Annie Proulx, o artigo traça peculiaridades similares nas relações descritas nessas narrativas e as analisa do ponto de vista da teoria *queer* e de propostas do filósofo Michel Foucault.

Palavras-chaves: literatura; *queer*; trabalho; preconceito; homossexualidade.

Abstract: Some works of Western literature have loving conflicts between two men in common. They are colleagues in activity or profession and, at same time, victims of institutionalized prejudice at work, which prevent them from carrying on the relationship. From the novels *Bom Crioulo*, by Adolfo Caminha, and *Grande Sertão: Veredas*, by João Guimarães Rosa, and the short stories “Aqueles Dois”, by Caio Fernando Abreu, and “Brokeback Mountain”, by Annie Proulx, this paper traces specific characteristics between those stories.

Keywords: literature; *queer*; work; prejudice; homosexuality.

Mas Diadorim é a minha neblina...

João Guimarães Rosa

Em janeiro de 2017, a revista americana *National Geographic*, de distribuição global, lançou uma edição especial, cuja manchete era “A revolução do gênero”, e o subtítulo, “a paisagem cambiante do gênero”. A edição, praticamente monotemática, apresentava o resultado das mudanças políticas e estéticas visíveis desde décadas anteriores – os anos 1960⁴ – que interferiram diretamente no comportamento e levaram mesmo à reconfiguração da anatomia de pessoas que não aceitavam ou se entendiam como parte dos binômios de sexo e gênero consagrados secularmente pela religião, pela ciência e pela justiça, tanto no Ocidente

¹ Verso da música “Paula e Bebeto” escrita por Caetano Veloso e Milton Nascimento em 1975. “De qualquer maneira” tem duplo sentido neste caso: pode significar que os sujeitos se amaram apesar de algum empecilho, e que se amaram da forma que deu, o amor improvisado/proibido que é recorrente nos textos deste artigo.

² “Paulo e Bebeto” song’s verse, written by Caetano Veloso and Milton Nascimento in 1975.

³ Jornalista com experiência em televisão e mestre em Literatura pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁴ É preciso considerar que a filósofa americana Susan Sontag foi precursora ao destacar essa variedade comportamental no ensaio “Notas sobre o Camp”, publicado em 1964, em que trata de uma estética de comportamento moderna em homens gays que tende para “o exagero das características sexuais e aos maneirismos da personalidade”. (SONTAG, 1986, p. 323). A figura que lhe serviu de exemplo foi o autor irlandês Oscar Wilde. Ela reconhece neste texto uma variação de gênero bastante performática que provoca [supostamente a norma] pela teatralidade.



quanto no Oriente: masculino x feminino, hétero x homo, normal x anormal, certo x errado etc. A revista espelhou sujeitos que não se reconheciam mais apenas como homens ou mulheres, meninos ou meninas, mas humanos dentro de um espectro identitário para além do sexo e das relações sexuais que invadiu a cultura a fim de romper com a imposição histórica e estrutural da heterossexualidade como norma. A lista de classificações identitárias é cambiável e atualizada rapidamente: entende-se de transexuais, cuja identidade de gênero não representa o sexo biológico, a não-binários ou agêneros, que não se reconhecem ou se aceitam, comportamental e politicamente, como homens e/ou mulheres.

O auge desta revolução, dentro da teoria *queer*⁵, é o *Manifesto Contrassexual*, de 2002, do filósofo espanhol Paul B. Preciado. Esse conjunto de ideias alcançou a intenção radical de rasurar as diferenças de sexo e gênero, dedicando-se “à desconstrução sistemática da naturalização das práticas sexuais e do sistema de gênero” (PRECIADO, 2017, p. 22) e considera o corpo uma potência erótica mais ampla do que os órgãos sexuais.

Diante da literatura, esta revolução sociocomportamental proposta por Preciado e exposta na edição na *National Geographic* parece tímida. O sexo⁶ ainda é descrito e compreendido massivamente como invenção/causa das relações de poder, e os gêneros, como marcas da imposição das instituições, a partir dos discursos e dispositivos (FOUCAULT, 2019, p. 367) produzidos pela religião, justiça e ciência (hospitais/medicina, tribunais/direito, escolas/educação, incluindo, aí, livros/literatura). Portanto, se ainda não é possível enxergar a literatura com as lentes radicais da contrassexualidade, pode-se mediar o olhar a partir de outro ponto desta teoria, um posicionamento que orienta uma leitura de resistência. O que Preciado resume do legado da teoria *queer* como artifício social – o corpo como texto socialmente construído –, a literatura usa como *leitmotiv*. Assim, o sexo manipulado e

⁵ “Em inglês, o termo ‘*queer*’ pode ter função de substantivo, adjetivo ou verbo, mas em todos os casos se define em oposição ao ‘normal’ ou à normalização. A teoria *queer* não é um arcabouço conceitual ou metodológico único ou sistemático, e sim um acervo de engajamentos intelectuais com as relações entre sexo, gênero e desejo sexual.” (SPARGO, 2017, p. 13).

⁶ Segundo resumo de Preciado (2017), em cima de leituras das teorias de gênero e *queer*, “o sexo é uma tecnologia de dominação heterossexual que reduz o corpo a zonas erógenas em função da distribuição assimétrica de poder entre gêneros (feminino/masculino), fazendo coincidir certos afetos com determinados órgãos, certas sensações com determinadas reações anatômicas”. (paginação irregular).



naturalizado pode ser entendido como recurso a serviço de um projeto estético-literário que reforça o sexo como parte da natureza humana. Preciado evoca Judith Butler, ícone da teoria *queer* que alega que a formação do sujeito é feita por um poder reassumido pelo próprio sujeito e que o subordina⁷ – para parafrasear o que ela chamou de performatividade, conceito caro à filósofa, definido como atos de composição do gênero:

A (heteros)sexualidade, longe de surgir espontaneamente de cada corpo recém-nascido, deve se reinscrever ou se reinstruir através de operações constantes de repetição e de recitação de códigos (masculino e feminino) socialmente investidos como naturais (PRECIADO, 2019, página irregular).

Assim, é possível depreender que essa prática de reinscrição é também truque da literatura como processo de criação de conflitos. Também é possível apontar que, pela literatura, o sistema sexo/gênero como recurso ganha evidência e a tem como vitrine e, dependendo do olhar do leitor, denúncia, alimentando e renunciando à repressão institucionalizada pelas letras.

É importante destacar esta longa introdução para que o assunto deste texto, a literatura com figurações da homossexualidade masculina no ambiente de trabalho, não pareça anacrônico diante de tantos avanços na discussão de gênero. A intenção é justificar o próprio trabalho como parte de uma história da literatura *queer* que se desenrolou a partir da heteronormatividade, de dentro para fora, como um comportamento “desviado” da norma, movimento que tende a ser invertido – com o perdão do termo – agora: a cultura *queer* é assimilada/confrontada pela/com a heteronormatividade e tem um espaço de discussão apropriado: a teoria *queer*. Desloca-se a partir deste olhar contemporâneo para analisar obras que o precedem.

Como concluiu Michel Foucault (1999, paginação irregular), a homossexualidade [conceito ainda vigente e que integra o sistema reducente de binarismos] foi batizada como termo e rebatizada como prática, na década de 1870, para ser uma patologia regulada e administrada com as demais perversidades sexuais, naquele contexto capitalista que requeria

⁷ BUTLER, Judith. *A vida psíquica do poder – teorias da sujeição*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.



força de trabalho “produtiva e procriadora que atendesse às necessidades do sistema [...]” (SPARGO, 2017, p. 19). Portanto, a prática – ainda não havia a homossexualidade enquanto identidade: “a questão central era o que se fazia, não o que se era” (Ibidem, p. 30) – precisava ser entendida, enfrentada e corrigida pelos que detinham o poder. Por isso, a homossexualidade como conceito é mais ou menos contemporânea das ideias sociológicas que apontavam o trabalho como parte de um contexto de exploração e regulação do trabalhador, pós-Revolução Industrial. Assim, a prática da sexualidade pelo proletariado está imbricada no sistema que limita o sujeito à força de trabalho.

A proposta do artigo é analisar histórias em que a precariedade de afetividade, o confinamento ou a solidão gerados por um ofício de sobrevivência – a labuta, permanente ou temporária – propiciam a sobreposição de relações entre indivíduos do mesmo sexo (trabalhadores, operários, parceiros de batalha – “não se trata de identidades, mas de posições marcadas” [LOPES, 2002, p. 198]), que passam de colegas a amantes. A condição específica da lida, controlada e pobre e limitada de afetos, medida pela qualidade da produção/operação dentro do sistema capitalista, interfere nesses comportamentos fora da perspectiva heteronormativa. Essas outras possibilidades de troca humanas por vezes não são compreendidas nem pelos próprios agentes da relação, quanto mais pelos demais envolvidos no processo laboral, que não permite qualquer outra imersão que não a que objetive favorecer a produção e resultados positivos.

São textos em que o erotismo pulsante e a dificuldade de concretização causados pela hostilidade do ambiente viril tornam-se o cerne do argumento literário e geram atritos e desafios para os personagens, em sua maioria, sujeitados ou assimilados ao/pelo comportamento imposto pela relação sexo x gênero: homens caracterizados como tal, cisgêneros ou cis: pessoas heterossexuais ou não, cuja identidade de gênero reproduz o esperado pelo sexo biológico (masculino), segundo os dispositivos de poder. Quer dizer: são não *trans* ou *queers*... aparentemente.



A diferença nesses textos está nas soluções encontradas para assimilar ou distanciar os personagens do que lhes causa embaraço na relação amor e/ou sexo x trabalho. A questão econômico-espacial é primordial para entender esses comportamentos, porque esses homens vivem em ambientes institucionalizados, moralizados e eticamente incompatíveis com amizades íntimas, quiçá com sexo e/ou amor. Eles não estão em guetos ou espaços privados, como saunas, bares, becos, veículos, quartos, usuais no flerte e no intercuro gay, mas no lugar de trabalho, ainda que as possíveis solidão e indiferença produzidas por esses espaços aproximem as atmosferas afetivas e favoreçam a conjunção amorosa. Denilson Lopes (2002) sugere uma ética do desejo que se sobressai sobre as demais: "uma frágil sobrevivência num cotidiano hostil, estrangeiro [ou deslocado, no caso], que resiste a ser afetivado, mas no entanto [sic] o é." (p. 196).

Esse desejo impertinente aparece em textos, curtos ou longos, como o conto "Aqueles Dois", de Caio Fernando Abreu, em que os personagens Raul e Saul, colegas de repartição em uma grande cidade brasileira, apaixonam-se e sofrem preconceito no ambiente de trabalho, nos anos 1980; no conto "Brokeback Mountain", de Annie Proulx, em que os caubóis Ennis Del Mar e Jack Twist também se relacionam eroticamente, ao se isolarem na natureza selvagem para cuidar de ovelhas, no interior dos EUA, em 1963; em *Grande Sertão: veredas*, de Guimarães Rosa, no qual o jagunço Riobaldo e o jagunço supostamente transexual Diadorim constituem uma relação de afeto no sertão brasileiro, e *Bom Crioulo*, romance do final do século XIX, que antecipa todas essas histórias, ao mostrar a união entre dois marujos brasileiros, Amaro e Aleixo.

Por vezes, o trabalho, enquanto lida, desenvolvido nessas histórias requer aventura. Em "Brokeback Mountain", os caubóis precisam cuidar de um rebanho, isolados nas montanhas geladas, dormindo em barraca e com comida escassa; em *Bom Crioulo*, a ação dá-se dentro de uma corveta, no Rio de Janeiro; e em *Grande Sertão: Veredas*, os jagunços servem a um poder maior e constantemente põem a vida em risco em embates com rivais: "sertão é onde manda quem é forte (...)", alerta o narrador-personagem Riobaldo (ROSA, 2019, p. 21); quase a totalidade acontece em um ambiente prioritariamente masculino (a



exceção é a repartição de “Aqueles Dois”) e, por fim, os personagens tendem a apresentar características sem “desvios” comportamentais, dentro dessa expectativa social de imposição binária (as exceções são Aleixo, com formas femininas, e Diadorim).

Apesar de seleção de exemplos ser feita com obras dos séculos XIX e XX, não é de hoje que a literatura produz relatos sobre amantes do sexo masculino que atuam juntos não apenas na seara erótica. A relação “laborerótica” começa no campo de batalha. Segundo o historiador grego Trucídides, que nasceu em 460 a.C. e escreveu, na condição de testemunha, a *História da Guerra do Peloponeso*, o belo Harmôdios era *eromenos* (na Grécia Antiga, o amante menino de uma relação erótica com um homem mais velho, este, denominado *erastes*) de Aristógiton, um ateniense de classe média. Quando, em 514 a.C., Híparcos, filho do falecido tirano Pisístratos e irmão do atual tirano Hípias, tenta seduzir Harmôdios, este denuncia-o ao amante e, aliados, *eromenos* e *erastes* planejam a morte dos irmãos tirânicos. Só Híparcos é morto; Hípias acaba deposto, posteriormente, por endurecer a tirania e perseguir cidadãos após o atentado. “Foi assim que uma afronta amorosa inspirou, em relação a Harmôdios e Aristógiton, a ideia inicial de uma conspiração, e que um receio súbito provocou aquela audácia irrefletida.” (TUCÍDIDES, 2001, p. 389). Eles tornaram-se, para a História, os amantes tiranicidas, reverenciados como heróis e “eram considerados, pela tradição popular, como os libertadores de Atenas da tirania (...)” (DOVER, 1994, p. 65). Histórias como esta propiciam a sobreposição das relações entre indivíduos do mesmo sexo, que passam de colegas a amantes ou vice-versa. Lógico que nesta circunstância grega não havia processos de produção de trabalho controlado por um sistema como o capitalista, mas a atuação masculina na Grécia antiga estava condicionada a um projeto econômico de poder e dominação territorial, que também vigiava a masculinidade.

Situação análoga acontece com o herói grego da guerra de Troia, Aquiles, que, no poema épico inaugural da literatura ocidental *Ilíada*, atribuído a Homero, atua como guerreiro (aristocrata) com companheiro e primo Pátroclo, por quem mantém um afeto acima do comum. Em meio à guerra contra os troianos, Pátroclo acaba morrendo ao vestir a armadura do companheiro, passando-se por aquele e mesclando as identidades. A morte do primo leva



Aquiles, considerado um transgressor, a vingar-se, o que faz da relação amorosa entre eles fato fundamental para o desfecho da obra, ainda que não tenha sido o gatilho para a guerra, gerada pelo rapto de uma mulher, a bela Helena. O suposto desejo homoerótico que aflora no campo de batalha ilíaco ecoa em outras narrativas, com amplitudes diferentes, mas cuja perda é o elástico que as tensiona. Nessas histórias também, em algum momento, há uma situação inaugural que expõe o desejo.

Em “Brokeback Mountain”, certa noite, um dos caubóis, Ennis, bebe demais e desiste de revezar o pastoreio das ovelhas durante a madrugada, que requer afastar-se do acampamento. Ele tenta dormir ao redor da fogueira, já que na barraca há, formalmente, lugar para uma pessoa, apesar da insistência de Jack para que entre junto dele. Ennis resiste na rua, mas quase congela e aceita o convite. Jack, que já estava dormindo, é acordado e coloca a mão no pênis ereto do colega. Em quase total silêncio, eles fazem sexo. Quando o narrador descreve a ação de Ennis, ao preparar Jack para a penetração, frisa que “nada disso ele tinha feito antes, mas que não precisava de manual de instruções.”⁸ (PROULX, 1999, p. 261). As poucas linhas da narrativa econômica, que descrevem da resistência ao sexo, evidenciam uma ânsia, ao mesmo tempo para que fizessem sexo de uma vez, naquela solidão de meses nas montanhas, e para que concluíssem logo o ato, como se fosse uma necessidade biológica, mas que não precisa de experiência prévia, portanto, intrínseca. Por outro lado, a bebida, o frio, a solidão, a cantoria antes do sono, ao redor do fogo, e a lua estruturam um ambiente propício para a transformação do rude cenário do acampamento de dois caubóis pastores, em uma conjunção romântica – ainda que nervosa, arfante, com pressa, como sexo proibido.

Depois da primeira experiência, Ennis e Jack mantêm uma relação sexual constante na montanha, não apenas dentro da tenda e à noite, mas à luz do dia, porém, sem nunca falarem de disso, apenas que “disse, Ennis, ‘eu não sou bicha [*queer*], e Jack saltou com um ‘eu também. É algo isolado e problema de mais ninguém.” (Idem *ibidem*, p. 262).⁹ Eles

⁸ No original: “(...) nothing he’d done before but no instruction manual needed.”

⁹ “(...) Ennis said, ‘I’m not queer,’ and Jack jumped in with ‘Me neither. A one-shot thing. Nobody’s business but ours’”.



acreditavam estar invisíveis ao julgamento alheio, naquele isolamento, lembra o narrador, mas Joe Aguirre, o contratante da dupla, flagra-os à distância, com binóculo, durante um passeio: a presença do controle produtivo entra na história.

A metáfora para a dificuldade de manterem um relacionamento em um ambiente de trabalho é a descrição de quando Ennis e Jack passam mais uma noite juntos, sem que um deles cuide do rebanho de novo, e as ovelhas se misturam ao bando de outro proprietário. Mesmo recuperando igual número de animais, Ennis sabe que as ovelhas permanecem misturadas. “De um jeito inquietante, tudo parecia misturado”¹⁰, sintetiza o narrador, como se o amor surgido fosse irreversível. Tempos depois, com a justificativa da aproximação de uma grande tempestade que poderia pôr em risco a vida das ovelhas, Joe ordena que os caubóis desfaçam o acampamento e dispensa-os, alegando que algumas daquelas ovelhas devolvidas nunca haviam subido à montanha com a dupla.

Assim como as ovelhas, a relação dos caubóis não voltou do mesmo jeito de Brokeback. Ennis e Jack afastam-se, casam-se com mulheres, mantêm famílias, mas acabam se reencontrando, como amantes, em pescarias periódicas e secretas, e outros eventos, por vinte anos a fio, sem que Ennis aceite os pedidos de Jack para viverem juntos. Para a família, um pneu furado do caminhão que dirigia provoca um acidente que mata Jack, aos 39 anos; para Ennis, fica a dúvida de o amante ter sido morto em um ataque homofóbico, na beira da estrada, com um pé de cabra, e a narrativa termina com Ennis del Mar culpado, preso às memórias da montanha, com o amante aparecendo-lhe em sonhos.

Há aqui a morte de um dos amantes, como solução para um impasse amoroso: a vida dupla de Ennis e Jack. Não exatamente por este motivo, mas é o que acontece na *Ilíada*, com a morte de Pátroclo. E o que acontece em *Bom Crioulo*, cuja resposta para o amor do marujo negro Amaro pelo colega adolescente e branco Aleixo é o assassinato deste e a prisão daquele.

¹⁰ “In a disquieting way everything seemed mixed.”



Aleixo é o colega pelo qual Amaro se apaixona e com quem mantém uma relação marital por um tempo – algo escandaloso para a época e para o próprio livro de Adolfo Caminha. Se a obra é vanguardista ao expor o casamento entre pessoas do mesmo sexo e um protagonista negro, por outro lado, não foge ao determinismo positivista presente no Naturalismo como regra de ação-reação, crime-castigo, como se o fim amargo de Aleixo e do mal-amado negro Amaro fosse resultado também da ira do amor não-correspondido, em vez do amor socialmente comedido e envergonhado de Ennis e Jack.

A partir de uma negociação social possível para uma história publicada em 1895, Caminha descreve Amaro, negro fugido, como um homem robusto, corajoso e sensual, dentro de um contexto também presente, por exemplo, no livro *O Cortiço* [1890], de Aluísio Azevedo, outro representante do Naturalismo, em que o negro é ora máquina produtiva, ora máquina sexual, inevitavelmente servil, como no caso das personagens Rita Baiana, erotizada, e Bertoleza, escrava roubada por um comerciante para servi-lo na cama e na mesa, que acaba devolvida aos antigos donos. Já Aleixo é um vaidoso adolescente de 15 anos, nascido em Santa Catarina, portanto, loiro, descrito com aparência feminina, a respeito de sua figura andrógina. A relação do mais forte e de maior idade protegendo o mais fraco, jovem e afeminado no universo hostil das forças armadas, aproxima-se da relação entre *eromenos* e *erastes* da Grécia antiga, até que, também como era comum no período helênico, o menino cansa-se e troca Amaro por uma mulher, levando este ao irreversível assassinato do amado.

A morte de Aleixo, que se passa quase um século antes, ainda que seja provocada, é solução similar à morte de Jack em “Brokeback Mountain” como recurso narrativo. A história deste romance se inicia no começo dos anos 1960 – concomitantemente à revolução sexual –, e se arrasta até o início dos anos 1980, mas sem eco do impacto que mudaria os costumes e culminaria na variação identitária descrita na abertura deste texto. As mudanças do comportamento sexual e de gênero na História contemporânea têm como epicentro os Estados Unidos, mas Ennis e Jack vivem nos confins moralistas em que a figura viril do caubói prevalece. Já havia naquele momento, como insiste Jack ao longo dos anos, a possibilidade de que vivessem juntos, mas não na realidade que os rodeava. Por isso, ainda que o conto tenha



sido publicado em livro em 1999, há uma coerência histórica no “acidente” que afasta Jack de Ennis fisicamente (a ausência do outro permanece a balançar o solitário trailer de Ennis) sem que a relação entre eles tenha sido atingida pela liberação sexual do mesmo período.

A revolução dos gêneros é tão importante neste contexto histórico-literário, que, mais ou menos na mesma época em que termina a história fictícia de “Brokeback Mountain”, no início dos 1980, é publicado no Brasil o livro *Morangos Mofados* [1982], que já resulta em um rumo diferente para a relação entre dois homens que se tornam amantes no ambiente de trabalho. No conto “Aqueles Dois”, de Caio Fernando Abreu, que se passa, aparentemente, naqueles mesmos anos 1980 da publicação, o espaço hostil da repartição onde os personagens são colegas reproduz preconceito e acaba com a demissão dos amantes, assim como ocorre a Ennis e Jack, mas com uma virada história, talvez pelo contexto urbano desta narrativa, em detrimento ao ambiente rural daquela.

Raul, 31 anos, e Saul, 29, não convivem, como alguns dos demais exemplos citados, em ambiente predominantemente masculino, mas em uma repartição de uma empresa, inserida em um espaço citadino. O narrador em terceira pessoa não fornece detalhes do que seja esta firma, talvez propositalmente, para universalizá-la, equiparando-a a outras que também são “um deserto de almas também desertas” (ABREU, 2018, p. 405), como a qualifica. É um ambiente burocrático e, também, repressor. O subtítulo do conto, entre parênteses, recurso utilizado em outros textos do livro, é “(História de Aparente Mediocridade e Repressão)” e antecipa a denúncia que permeia o relato. Raul e Saul se conhecem ali e passam a compartilhar uma então vida solitária de homens solteiros, juntos. A relação amplia-se e acaba repercutindo na empresa, até o chefe chama-os, alega que tem recebido denúncias anônimas sobre o comportamento anormal dos dois e os despede, justificando a necessidade de manter a reputação da empresa.

Assim como no livro de Annie Proulx, a narrativa expõe preconceito diante das relações homoeróticas explícitas, que extrapolam a barraca ou o quarto particular, a seara íntima e privada, e ameaçam o ambiente de trabalho. No conto americano, a paixão entre Jack



e Ennis prejudica a execução da lida braçal de caubói: proteger as ovelhas na montanha. Mas em “Aqueles dois”, a labuta da repartição, intelectual, não sofre diretamente interferência da relação entre Raul e Saul. Enquanto lá a desculpa é a mistura das ovelhas, aqui é “a reputação-de-nossa-firma (...)” (Idem ibidem, p. 411), como lhes diz o chefe, o motivo da dispensa. Há também, entre uma história e outra, um nível de exposição maior. Enquanto Jack e Ennis levaram mais tempos até serem “descobertos”, Raul e Saul, ao se relacionarem com outros dentro e fora do ambiente de trabalho, acabam revelando mais a relação considerada imprópria.

Quando os amantes de “Aqueles Dois”, demitidos, vão embora, o prédio da empresa é descrito como parecido com uma clínica psiquiátrica ou uma penitenciária. Nestas referências, Caio Fernando Abreu retoma como imagem as instituições médico-legais denunciadas por Michel Foucault como clausuras de comportamentos desviantes, como mecanismos de poder para vigiar, punir e governar os corpos. Ao comparar uma empresa a esses dois exemplos bem foucaultianos, o hospício e a cadeia, Caio Fernando insere o ambiente de trabalho como meio punitivo para os corpos indisciplinados, para que se tornem “politicamente dóceis e economicamente rentáveis.” (CASTRO, 2014, paginação irregular).

Aqui, não há distanciamento, casamento convencional, morte, lembrança, como em “Brokeback Mountain”. Ao final do conto, apesar de humilhados, Raul e Saul deixam a empresa e entram no mesmo táxi, aos olhos dos colegas nas janelas, que, apesar da demissão, ainda os repreendem. O narrador deixa entender que os dois permanecerão juntos e amaldiçoa os demais, ao concluir que “quase todos ali dentro tinham a nítida sensação de que seriam infelizes para sempre. E foram.” (ABREU, 2018, p. 411). A sutileza de Caio Fernando Abreu, naquele contexto dos anos 1980, de não afirmar que Raul e Saul seriam realmente felizes para sempre, como num conto de fadas, mas que os demais, sim, foram infelizes, mostra o que próprio texto expõe: ainda era impossível que convivessem em harmonia em uma sociedade homofobia e repressora, mas, ao saírem no carro, que dobra a esquina, Raul e Saul seguem, juntos, rumo a um destino que desconhecemos, mas que antecipa as conquistas do âmbito do



Direito e de comportamento, nos anos posteriores, que já se avistavam no horizonte da História.

Por fim, *Grande Sertão: Veredas* é o maior exemplo da literatura regionalista brasileira do pós-guerra em que “a paisagem, assim como o homem, é uma realidade mais complexa, que não se pode reduzir a esses rótulos [do Naturalismo/Realismo e da fase anterior do Romance de 30].” (COUTINHO, 2013, p. 65). Guimarães Rosa implementa essa complexidade na linguagem peculiar¹¹, característica da literatura latino-americana no século XX, denominada “nova narrativa”, como parte de uma revitalização não só da língua em si, mas do discurso narrativo, recriado pelo autor mineiro. A autenticidade já havia sido experimentada em obras anteriores, em um processo análogo ao do corpo *queer*, que enfatiza uma transgressão para fugir do que é imposto pelas marcas de gênero e sexo advindas do padrão heteronormativo. A linguagem rosiana é o texto trans, reescrito, desencaixado do previsível.

Assim, a relação de amor e dúvida entre o personagem principal, Riobaldo, e seu conhecido de infância e parceiro de perrengues, o também jagunço Diadorim, ora menino, ora menina, reflete essa confusão no universo dos personagens: diante de Diadorim, Riobaldo é a linguagem acomodada, atraído e rechaçado pela alteridade do outro *textogênero esqueersito*, que

“não aspira o centro nem o quer como referência; um jeito de pensar e de ser que desafia as normas regulatórias da sociedade, que assume o desconforto da ambiguidade, do ‘entre lugares’, do indecível.” (LOURO, 2004, contracapa).

O rememorar da vida de Riobaldo, que é a narrativa, tem como clímax a morte de Diadorim e a revelação do seu sexo: a paixão de Riobaldo era, anatomicamente, uma mulher. Esta seria a suposta solução para o conflito (a paixão) que, assim como outras questões do livro, não responde todas as perguntas:

¹¹ Ao citar como exemplo o escritor argentino Julio Cortázar e seu romance *Rayuela* [1963], Coutinho (2013) diz que “para esses autores, a linguagem de uma obra literária não é algo que preexiste à sua construção; ao contrário, é parte desta obra e, como tal, só é inventada no momento mesmo em que o escritor elabora seu trabalho.” (p. 72).



1. Diadorim era um homem transexual? A revelação do sexo feminino, apesar de levar alívio ao protagonista, em vez esclarecer, torna mais complexa a definição de Diadorim; ao duvidar da existência do diabo, grande questão metafísica da obra, Riobaldo questiona também o que é externo ao humano e, ao concluir que “existe é homem humano” (ROSA, 2019, p. 435), ele assume que, para além do bem e do mal, há toda uma complexidade de gente.

2. O fato de Riobaldo ter-se apaixonado por Diadorim enquanto este revestia-se da figura masculina do jagunço não faz daquele homo ou bissexual? A sexualidade de Riobaldo não é posta em descrédito, porém, reflete a condição de jagunço, que é representar o homem em carga máxima de masculinidade em relação à coragem e, ao mesmo tempo, fragilidade da vida, já que o jagunço é considerado pelo protagonista “homem muito provisório” (em relação ao fazendeiro ao qual serve). “Durante toda sua vida de jagunço, Riobaldo nunca se adaptou completamente ao modo de vida dos companheiros [...] contrariando o próprio código que rege aquele universo.” (COUTINHO, 2013, pp. 94 e 95). “- Não podendo entender a razão da vida, é só assim que se pode ser vero jagunço”, diz Riobaldo. O jogo homoerótico com Diadorim e a correlação entre a lida eminentemente masculina e o desencaixe diante do sexo do outro colocam a questão do impasse amoroso como algo que “já se verifica desde cedo em sua [de Riobaldo] existência sob a forma contraditória da atração e, ao mesmo tempo, repulsa pela vida dos jagunços” (Ibidem, pp. 95 e 95).

Se *Grande Sertão: Veredas* é “marcado pela confluência de vários elementos, frequentemente opostos, que coexistem em constante tensão, pondo em xeque a todo instante a lógica cartesiana, calcada no binarismo excludente” (Ibidem, p. 80), Guimarães Rosa, ao introduzir uma personagem cujo gênero é questionado, antecipa a discussão do fim do século e início do seguinte, que considera que os diferentes elementos do sistema sexo/gênero denominados “homem”, “mulher”, “homossexual”, “heterossexual”, “transexual”, bem como suas práticas e identidades sexuais, não passam de máquinas, produtos, instrumentos, aparelhos, truques, próteses, redes, aplicações, programas, conexões, fluxos de energia (PRECIADO, 2019, página irregular).



O regional descentralizado como o corpo *queer*, o jagunço marginal e propício a morrer cedo como o corpo trans e, efetivamente, Diadorim morre, tornam-se leituras possíveis na contemporaneidade. É preciso entender, como sugere o narrador-protagonista no início da história: “o senhor tolere, isto é o sertão”. (ROSA, 2019, p. 13) como metáfora para os descaminhos do amor.

Perfilados, *Bom Crioulo*, *Grande Sertão: Veredas*, “Aqueles Dois” e “Brokeback Mountain” mostram a própria literatura, em um entendimento foucaultiano, como mecanismo punitivo e/ou experimental e, ao mesmo tempo, transgressor para relações sexuais/amorosas. Enquanto em três destes textos um dos amantes (Diadorim, Aleixo, Jack) morre como solução para romper os laços de uma relação que não pode sustentar-se, Caio Fernando Abreu avança e assegura um caminho possível, na curva de uma nova realidade para comportamentos então repreendidos. O destino em aberto de Raul e Saul de certa forma incita a se imaginar outros finais possíveis para Jack e Ennie, Amaro e Aleixo, Riobaldo e Diadorim em um contexto *queer* que aceita um corpo desejante independentemente de onde se esteja.

Referências

- ABREU, Caio Fernando. *Contos completos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.
- BUTLER, Judith. *Corpos que importam*. Trad. Verônica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo: n-1 edições; Crocodilo Edições, 2019.
- CAMINHA, Adolfo. *Bom Crioulo*. São Paulo: Todavia, 2019.
- CASTRO, Edgardo. *Introdução a Foucault*. Trad. Beatriz Almeida de Magalhães. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- COUTINHO, Eduardo F. *Grande Sertão: Veredas. Travessias*. São Paulo: É Realizações, 2013.
- DOVER, Kenneth James. *A homossexualidade na Grécia antiga*. Trad. Nelson dos Reis e Luís Krausz. São Paulo: Nova Alexandria, 1994.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade 1: a vontade de saber*. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Os anormais*. Trad. Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2001.



Nau Literária

crítica e teoria da literatura em língua portuguesa

PPG-LET UFRGS

ISSN 1981-4526

<https://seer.ufrgs.br/NauLiteraria>

Vol.16, n. 2 -2020

Dossiê Literatura e Gênero

LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho – ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

NATIONAL GEOGRAPHIC [revista]. *Gender Revolution*. Janeiro, 2017.

PRECIADO, Paul B. *Manifesto contrassexual*. Tradução de Marie-Hélène Bourcier. São Paulo: n-1 edições, 2017.

PRECIADO, Paul B. O que é contrassexualidade? Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (org.). *Pensamento feminista: conceitos fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

PROULX, Annie. *Close Range: Wyoming Stories*. Nova York: Scribner, 1999.

ROSA, João Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SONTAG, Susan. *Contra a interpretação*. Trad. Ana Maria Capovilla. Porto Alegre: L&PM, 1987.

SPARGO, Tamsin. *Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares*. Trad. Heci Regina Candiani. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

TUCÍDIDES. *História da Guerra do Peloponeso*. Trad. Mário da Gama Kury. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2001.